

111.2 HJKO

Polícia De Facínoras Transformou Brasília Em Capital Do Gangueço

NOVE OPERÁRIOS TRUCIDADOS PELOS "BATE-PAUS" DA "NOVACAP"

Govêrno procura esconder o massacre — A polícia (irregular) é chefiada por protegido de Israel Pinheiro — Dezenas de feridos recolhidos ao hospital (imprevisado) de Brasília

BRASILIA (Diário Paiva e Honório Gurgel, enviados especiais do Binômio — Jornal da Semana) — A Polícia da NOVACAP, constituída em sua quase totalidade por desordeiros e facinoras, trucidou no dia 8 de fevereiro, nove operários da firma Pacheco Fernandes, tendo tido por perto de outras cinquenta pessoas a violência, principal característica desse acampamento da pior espécie, foi motivada por um incidente

CAP o chefe da patrulha (Pimentel) preparou-se para a adestrada. Determinou o recrutamento de todos os elementos da Polícia local, locu deis caminhões com sessenta homens armados de fuzis e armas automáticas (inclusive armamento bélico proibido por lei, de uso exclusivo do Exército), e mandou tocar o acampamento da firma Pacheco Fernandes. Ali chegando, o inspetor Pimentel mandou o portão de entrada e

«LIMPAR O TERRENO»
Explicando que estava de baixo de um monte de madeira, para se livrar dos facinoras, o operário acrescenta: — «Ai o homem (refere-se a Pimentel), gritou novamente: — «Vamos limpar o terreno. Joguem esses porcos dentro do caminhão».

Realmente assim foi feito. Pegaram os operários e foram jogando de qualquer jeito pra cima de um caminhão-basculante. Depois de apagar as luzes do acampamento, a Polícia foi-se embora levando a carga macabra.

MISTÉRIO
Até sexta-feira passada — decorridos cinco dias após a chacina — ninguém na NOVACAP sabe informar com segurança o número exato de operários que morreram. Fez-se um cerco de mistério sobre a ocorrência. Os jornais do Rio se limitaram a noticiar a chacina de forma equívoca. Apesar de todos os nossos esforços, não conseguimos vencer a barreira que se antepõe à nossa missão de informar o povo. O propósito da NOVACAP só pode ser este: o de impedir por todos os meios que essa ocorrência criminoso chegue ao conhecimento público.

TRUCIDAMENTO
O ambiente é de completa falta de garantias. Protestando contra a chacina, o Sr. Heitor Silva dirigiu o seguinte telegrama ao Presidente da República, ao Ministro da Guerra e à Câmara dos Deputados: — «Trabalhadores e povo Brasília diante monstruoso massacre praticado pela polícia local assassinando operários indefesos da firma Pacheco Fernandes, trucidando nove trabalhadores ferindo dezenas outros operários, senhoras e crianças altas horas da noite quando dormiam em seus camarões. Exigimos V. Excia. instauração rigoroso inquérito e punição dos culpados».

O Sr. Heitor Silva é o presidente da «Associação dos Trabalhadores em Construção Civil», de Brasília.

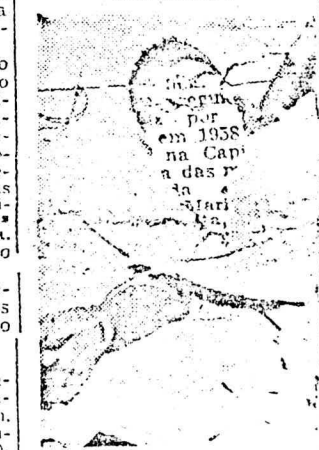
ENTERRO
Somente a conclusão do inquérito poderá indicar o número de mortos. Mesmo assim, a opinião dominante no «Núcleo Pandeirante» e na NOVACAP é a de que isso se torna difícil. Pelo seguinte motivo: a firma Pacheco Fernandes conta com mais de 1.300 operários, muitos dos quais em fase de experiência, sem chamado completo. Há o caso

por exemplo, do operário Avariz, elemento conhecido de todos, que tombou varado no local. Ninguém sabe informar onde foi enterrado. Também não se conhece a identidade do motorista que transportou os corpos. Há duas hipóteses sobre o enterro das vítimas: uns acham que foi em Piazzina (distante 46 kl. de Brasília); outros afirmam que teria sido em Luziânia (distante 54 kl.).

PRISAO DOS SICARIOS
O bando de sicários da NOVACAP foi preso por determinação do Coronel Osmar Dutra (Chefe de Polícia de Brasília). Todos os componentes da «polícia» estão recolhidos ao quartel da 6.ª Companhia de Guarda do Exército.

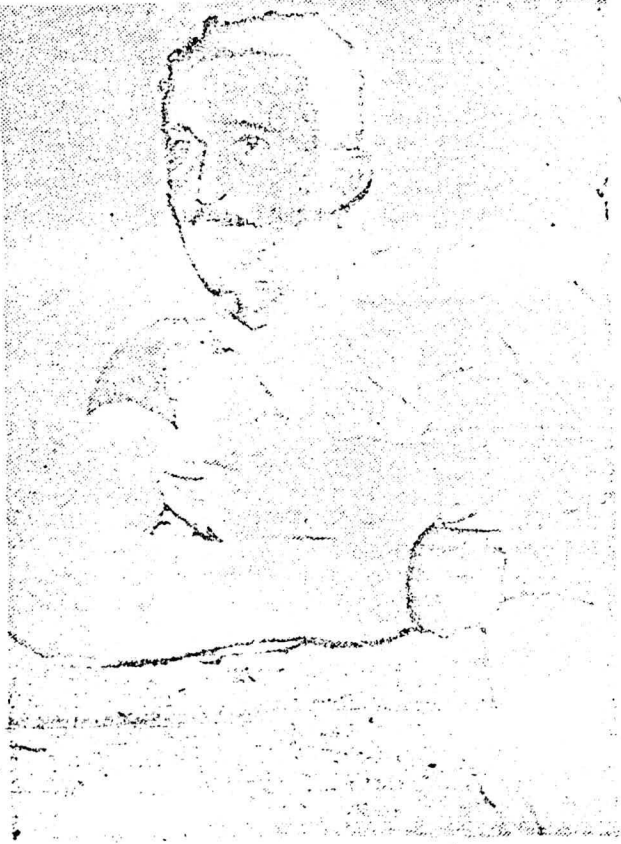
INQUERITO
O inquérito para apurar os crimes da Polícia da NOVACAP está sob a direção do Cel. Dutra. O comandante da 2.ª Companhia Kleber, não quis prestar declarações, mas concordou a prisão de quase todos os elementos da «polícia» do Sr. Israel Pinheiro.

ISTO (TAMBÉM) É BRASILIA



Antônio de Sousa foi dos mortos atingidos pela fúria da Polícia da NOVACAP. Mas ainda mantinha boné e algumas pancadas.

ACORDOU PARA APANHAR



Antônio Ubaldino estava deitado quando a «Polícia da NOVACAP» chegou atirando, baleando e espancando pelos sicários de Brasília.

então, o qual, ao pôr os olhos desbarbararam evidências a o qual os absorvidos os grupos de operários (entre os quais estavam os grupos de operários) estavam descansando distra-

SILVAGERIA

NOVA- do sr.

real- res do res —

pode res- pergunta. tristeza: a barreira e Mas há disparou se conteve: vem um fezeiro: di- CAP trata das sobre o

presença do Uma per- também: a inco- que Al- ginas bo- tou a

se não se- dum: E

C n

U em ur un

So an qu de

E que su de pa me vic do Re tro est E a tr

NOVACAP se trata de...

TRUCIDAMENTO
O ambiente é de completa falta de garantias. Protestando contra a chacina, o Sr. Heitor Silva dirigiu o seguinte telegrama ao Presidente da República, ao Ministro da Guerra e à Câmara dos Deputados:

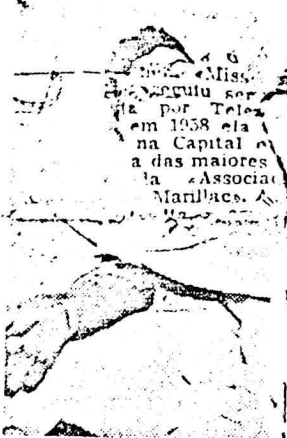
— Trabalhadores e povo Brasília diante monstruoso massacre praticado pela polícia local assassinando operários indefesos da firma Pacheco Fernandes, trucidando nove trabalhadores, ferindo dezenas outros operários, senhoras e crianças altas horas da noite quando dormiam em seus alojamentos. Exigimos V. Excela. instauração rigorosa, inquérito e punição dos culpados.

O Sr. Heitor Silva é o presidente da «Associação dos Trabalhadores em Construção Civil», de Brasília.

ENTÉRRO
Somente a conclusão do inquérito poderá indicar o número de mortos. Mesmo assim, a opinião dominante no «Núcleo Bandeirante» e na NOVACAP é a de que isso se torna difícil. Pelo seguinte motivo: a firma Pacheco Fernandes conta com mais de 1.300 operários, muitos dos quais em fase de experiência, sem fichário completo. Há o caso,

publicidade desastrosa do se faz e do que não se pode fazer. Agora chegou o momento (também) é Brasília.

ISTO (TAMBÉM) É BRASÍLIA



Antônio de Sousa foi dos mais atingidos pela fúria da «valente» Polícia da NOVACAP. Mas ainda mantinha bom humor: «Um tirinho na barriga e algumas pancadas...»

Soraya, lânguida, vi amplamente aprovada que Rehza Palevi pede a possibilidade

CERCO A FUTURA IMPERATRIZ

Enquanto Soraya aperfeiçoava em seus conhecimentos e seu pai exercia atividades nas capitais. A questão marchava para uma solução. A ação do pai do Xá Moham Rehza Palevi, depois tropas aliadas em 1941 estava na memória. E as multidões muçulmanas a esse motivo sabiam do novo sobe-reano da falta de deiro, Rehza Palevi

Ubaldo estava deitado quando a «Polícia da NOVACAP» chegou atirando. Baleado e espancado pelos sicários de Brasília.

que veio pôr em quando de absolvição em que viverem trabalhadores na capital federal. Detentores: essa polícia na caçada criminosos humildes operários mandada pelo inspetor Faria Pimentel e pessoa inculpa ao grupo do

ACAMPAMENTO
que resultou na «Acampamento» (dia 8), quando sicários reclamaram a cidade da comissão constante de Aclamação foi logo a maioria dos trabalhadores o que levou o chefe a solicitar a «Polícia da NOVACAP» para «exemplarmente» (sicarizantes). Em minutos chegava uma (quatro guardas) inspetor Pimentel efetuou a prisão dos sicários.

ESPANTO
dos policiais, que espancar os que motivou os acontecimentos. Vendo os sicários reagiram a prisão. Os policiais e tudo de o incidente. Mas o pior da Polícia, que já com uma violência (domicílio) volta a angançar.

DESFORA
sede da NOVACAP

ORTE

da NOVACAP, indefesos.

os policiais desembarcaram de armas em punho, atirando sobre os grupos de operários que daquela hora (21,30 horas) estavam descansando distraidamente.

SELVAGERIA

O espetáculo que se desenrolou foi indescritível. Sessenta homens armados, sob o comando do «inspetor» Pimentel, fizeram fogo cerrado contra centenas de operários indefesos. Essa «operação-matança» se revestiu de inominável selvageria. A medida que operários iam caindo sob as balas assassinas da polícia do sr. Israel Pinheiro, os guardas iam avançando, como se estivessem em campo de batalha

«E' PRÁ CABECA»
Vencida essa primeira parte, com o trucidamento de vários operários, a Polícia da NOVACAP, não satisfeita, empreendeu a outra etapa: invadir os barracões e começou a disparar sobre os operários que já estavam recolhidos ao leito.

— «Pensei que era guerra. A fuzilaria me fazia lembrar pipoca rebentando na panela. E o «chefão» deles gritava: «E prá cabeça! E pra matar! Esses porcos não valem nada!»

Quem presta estes esclarecimentos é um operário da Pacheco Fernandes, que assistiu ao ataque contra seus companheiros de serviço. E prosseguiu:

— «Foi um verdadeiro inferno. Quanto mais caía gente no chão, mais eles atiravam. Só vendo. E adianta:

— «Ai o chefe chamou uma turma que estava de arma em punho, num canto, e apontando para os alojamentos (barracões), gritou:

— «Atirem ali. Todo mundo precisa levar fogo». A direção apontada pelo facinoroso da NOVACAP era a dos barracões dos operários. Aquela hora, muitos estavam dormindo.

PISOTEADOS

A fuzilaria continuou por longo tempo. O «inspetor» Pimentel só mandou «cessar fogo» quando viu mais de três dezenas de operários estendidos pelo chão.

— «Eu porque vi com estes olhos da cara, senão eu não acreditava. Sim, eu vi os nossos companheiros ensanguentados, foram pisoteados pelos guardas». Revela ainda essa testemunha o ato mais covarde da Polícia: foi quando o bando de sicários da NOVACAP descarregou suas armas contra os alojamentos e começou a tirar gente da cama para apanhar.

POLÍCIA DA NOVACAP DEVIA ESTAR NA CADEIA

Chacina dos operários revela: Brasília está entregue a uma malta de assassinos e sicários — Ex-motorista (carrioca) chefiava uma «Divisão de Segurança» — Exército prendeu os malfeteiros e vai dissolver a «polícia particular» da futura capital

O policiamento constitui uma das mais graves ameaças para os milhares de trabalhadores em Brasília. A «Divisão de Segurança Pública», como é pomposamente chamada a «Polícia da NOVACAP» é um departamento irregular, ilegal e absolutamente incapaz de cumprir qualquer missão. A conduta de seus elementos se caracteriza pela ausência do mínimo respeito à vida humana. O ataque à bala contra o acampamento da firma Pacheco Fernandes veio apenas reafirmar o fato de que a tal divisão recrutou um bando de facinoras para policiar Brasília

O SICÁRIO

Uma corporação reflete quase sempre o pensamento de seu chefe. Vamos ver no caso da «Polícia da NOVACAP». Quem é o sr. Fernando Faria Pimentel?

EX-motorista de praça no Rio de Janeiro, Pimentel veio para Brasília a convite do sr. Amaury, que em certa época exerceu o cargo de assistente do chefe do Departamento de Terras e Agricultura da NOVACAP. Sabe-se que o sr. Iris Meinhberg, diretor-financeiro, não satisfeito com certos negócios praticados por Amaury, demitiu-o do cargo. Mas para surpresa geral, o sr. Ernesto Silva, diretor administrativo, designou Amaury para trabalhar em seu gabinete. Com tal proteção, Fernando Faria Pimentel cogou a chefia uma das divisões da Segurança Pública de Brasília. Tanto o sr. Amaury (que fora demitido por Iris) como Pimentel, o chacinador dos operários, são elementos de «copa e cordinha» do diretor administrativo da NOVACAP. Portanto, ninguém pode negar inocência.

ESTRUTURA

E' de se notar que essa «Polícia» existe contrariando todos os dispositivos legais. Os componentes são funcionários da

NOVACAP (geralmente lotados como operários) destacados para a «polícia». Sem qualquer critério de seleção, sem indagar da vida progressiva dos candidatos, foi-se formando um ajuntamento de maus elementos. Resultado: na primeira oportunidade, fizeram o «serviço». Um incidente no acampamento — coisa natural nos grandes agrupamentos humanos — serviu para que essa «polícia» praticasse um dos mais estúpidos e bárbaros crimes de que se tem notícia.

CONFUSÃO

Por outro lado, existe confusão em torno da chefia da «Polícia da NOVACAP». Pelo trucidamento dos operários da firma Pacheco Fernandes, não há dúvida que o facinoroso Fernando Faria Pimentel mandava a desmandava na organização. Pois se não é o chefe-geral, tem força para recrutar dez caminhões de guardas, e esse indivíduo conta com todo o apoio dos figurões da NOVACAP. Quando procuramos saber na sede da organização ninguém explicou direito quem era o comandante. Houve referência ao sr. Muzi, coronel reformado da Polícia Militar do Estado do Rio, que estaria comandando essa polícia.

CORONEL DUTRA

O coronel Osmar Dutra (do Exército) é o chefe da 6.ª Companhia Isolada do Exército, sediada em Brasília. Essa companhia (segundo informações do capitão Kleber) é subordinada à 4.ª Região Militar em Juiz de Fora (Minas Gerais). O coronel Dutra é também chefe-geral de polícia de Brasília, mas não tem nada a ver com a «polícia» criada pelo sr. Israel Pinheiro. Por si se vê, a polícia de Brasília, no setor de Polícia e de Justiça, anda completamente desorganizada. Uma coisa, entretanto, queremos registrar:

O Xá da

... A História resistência. No do a lógica da Segunda-falando dos mic conjunt

«RETRA

SALAO D

Pampu

...cerca em torno das vítimas, BINOMIO penetra no hospital-de- emergência e documenta (fotograficamente) o crime dos facinoras da NOVACAP — Sergipano queria "arranjar a vida"; arranhou fraturas — Dois irmãos: um volta de muletas, outro de braço quebrado

Um casarão de madeira, re- veria apenas com uma tósca pintura amarela — eis o fa- lado «Hospital Juscelino Kubitschek» de Brasília. Como em tudo no sítio da futura capital, lá estavam inscrições de lou- var ao Presidente. Lá dentro, três dezenas ou mais de ope- rários. Todos baleados e es- panicados pela valente Polícia da NOVACAP. Eles cometeram uma leviandade: reclamaram contra a comida (ruim) e a água (pouca), da Construi- ra Pacheco Fernandes uma das empreiteiras de Brasília. Al- guns foram mortos. Outros es- tão inutilizados para o resto da vida. Os jornais de Belo Ho- rizonte e do Rio — sempre so- licitados em publicar matérias pазas da «nova capital» — publicaram notícias equivocadas sobre a grave ocorrência. Mas BINOMIO foi a Brasília e de lá trouxe este impressionante re- lato que estamos publicando. Agora já sabemos: além de outras coisas, Brasília tem também uma polícia de faci- noras.

ISTO É O INFERNO.

Quando chegamos na porta- ria do Hospital JK, um môço fardado, mal encarado, foi logo perguntando: — «O que é, vamos logo...» — «Eu queria ver os feridos do «Acampamento Pacheco...» — «Tem algum parente?» Não respondemos e fomos entrando. Ai o môço chamou e disse: — «Olhe entre em qualquer enfermaria. Tem uma porção de...» Numa cama Antônio Ubaldo Moraes, que trabalhava na firma Pacheco Fernandes. Esta- va com o braço na tipóia e não quis falar nada. — «Não adianta, môço nin- guém pode com esse povo. Operário aqui é burro de car- gas.» Depois pensativo, arriscou uma palavra que definia tudo: «isto aqui é o inferno.»

AGONIZANDO

Em outra cama nova viti- mo, quase agonizante: Antônio

de Sousa, que mal pôde res- ponder à nossa pergunta. Olhou-nos com ar de tristeza: — «Um tirinho na barriga e umas porretadas... Mas há muita gente pior.» Quando o «flash» disparou um visitante não se conteve: — «Semana que vem tem propaganda no «Cruzeiro», di- zendo que a NOVACAP trata bem os doentes. Mas sobre o «Ureiteio, não-sai nada.»

MORTO

Aproveitando a presença do visitante arriscamos uma per- gunta: e o Alvariz também foi ferido? (Pergunta inocente: já sabíamos que Alvariz bicrera varado por várias ba- las.) O môço levantou a voz e disse: — «Uai, então o Sr. não sa- be? O coitado caiu duro. Foi enterrado por aí...» — No cemitério? — Que cemitério que nada. Ninguém sabe. Deram sumiço no corpo. E dizem que outros foram no mesmo caminho...

QUERIA ARRUMAR A VIDA

José Antônio Ferreira, tam- bém massacrado pela Polícia da NOVACAP, chegou há pou- co tempo de Sergipe. O velho sergipano veio para «arrumar a vida». Só arranhou fraturas. — Para isso — e mostrava os ferimentos — eu nunca teria saído de minha terra. Quando o meu povo ficar sabendo es- tou mal arrumado. Bem que eles dizem: «Zé, Brasília não dá tento...»

DOIS IRMÃOS, UM SÓ DESTINO

E cada um vai narrando a sua odisséia brasileira. Sem- pre a mesma história: vieram do longe vencendo distâncias, na ansia de melhorar de vida. Assim também pensavam os irmãos César Nery (Guilhermi- no e Aurelino). Agora estão mais pobres do que antes. Mas levam a marca (policial) da NOVACAP: um volta de mule- ta, outro de braço quebrado. Foi esse o quadro que encon- tramos naquele casarão ama- relado chamado «Hospital Jus- celino Kubitschek». Quadro que fizemos questão de documen- tar fotograficamente, vencen- do dificuldades de toda ordem. Quadro que é o melhor retrato da espécie de canalhas que o Sr. Israel Pinheiro escolheu para constituir a «polícia» da NOVACAP.

POVO DE BRASÍLIA A JK:

“Exigimos a punição para os carrascos da NOVACAP”

“Vidas roubadas criminoso e brutalmente” — Presi- dente da Associação Comercial: “Não temos polícia, mas apenas bandidos vestindo fardas” — Reação das famílias brasilienses contra a “polícia” do sr. Israel Pinheiro

Acusando a Polícia da NO- VACAP como responsável por casos de violência, o preside- te da Associação Comercial de Brasília, sr. Gileno Mendes de Andrade oficiou ao sr. Jusceli- no Kubitschek, solicitando a “extinção desse organismo constituído de bandidos”.

— “Não temos polícia, mas apenas bandidos vestindo far- da” — declarou.

Mais adiante, o sr. Mendes Andrade historia a situação de Brasília, onde ninguém pode ter segurança, pois a cidade “está entregue à sanha de crimi- nosos”.

PROTESTO DA POPULAÇÃO

Reina intranquilidade em to- dos os meios da futura capi- tal. Os próprios funcionários, conhecendo de perto os “mé- todos” da Polícia, estão apa- vorados. As famílias de Brasi- lia enviaram enérgico telegrama ao sr. Juscelino Kubitschek, solicitando a extinção da po- lícia de assassinos. E o seguin- te o texto do telegrama:

— “A população de Brasi- lia, humildemente representada pelos abaixo-assinados, e soli- darianando-se com as famílias de inocentes vítimas da sanha assassina de policiais revelada na ocorrência verificada no acampamento da firma “Pa- checo Fernandes Ltda.”, sítio em Brasília, vem por meio des- te expressar o seu protesto. Não clama o povo de Brasília somente pelas vítimas, cujas vidas foram roubadas crimino- sa e brutalmente, mas também por suas próprias vidas, inse- curas enquanto não forem de-

vidamente punidos os respon- sáveis”.

CARRASCOS

Noutra parte, assim se ex- pressa o telegrama do povo de Brasília:

“Outrossim não compreende o público brasiliense estejam suas vidas entregues a carras- cos que, por ironia, subsistem através do próprio povo. Assim, irmanados com a população revoltada, os abaixo-assinados reafirmam, estendendo a V. Excia o seu enérgico protesto, exigindo para aqueles que desmentiram sarcásticamente o título de defensores da ordem e do bem estar público, as me- didas cabíveis à sua covarde ação”.

Assim que tomou conheci- mento da chacina, o Cel. Dutra mandou prender todos os implicados e instaurou o com- petente inquérito. E o resulta- do pode ser um: a extinção da “polícia” criada pela NOVA- CAP, antro de desclassificados e facinoras que assassinam a sangue frio.

GENTILEZ.

Também não poderíamos de-ixar de registrar a gentileza do capitão Kleber, comandante da 6ª Companhia de Guarda do Exército. Embora se negando a prestar informações, — “só com ordem superior” — rece- beu-nos amavelmente. O in- quérito para apurar o crime deveria ser concluído em pou- cos dias. A natureza das pro- vas contra a “Polícia da NO- VACAP” e de forma a não de-ixar dúvidas quanto à sua res- ponsabilidade total pelo truci- damento dos operários da firma Pacheco Fernandes.

Antônio Ubaldo estava deitado. NOVACAP” chegou atirando. siciários de

corriqueiro, o que veio por em- evidência o quadro de absolu- ta insegurança em que vivem milhares de trabalhadores na futura capital federal. Detalhe importante: essa polícia de assassinos, na cacada crimi- nosa contra humildes ope- rários, foi comandada pelo in- dividuo Fernando Faria Pi- mentel, ex-motorista de praça no Rio de Janeiro e pessoa in- tionalmente ligado ao grupo do sr. Israel Pinheiro.

INCIDENTE

O incidente que resultou na chacina do «Acampamento Pacheco» teve início na tarde de domingo (dia 8), quando alguns operários reclamaram a pessima qualidade da comi- da e a falta (constante de água). A reclamação foi logo apoiada pela maioria dos tra- balhadores, o que levou o che- fe-de-obras a solicitar a «Po- lícia da Novacap» para «exem- plar os recalcitrantes». Em poucos minutos chegava uma «batida» (quatro guardas) chefiada pelo «inspetor» Pi- mentel, que efetuou a prisão de dois operários.

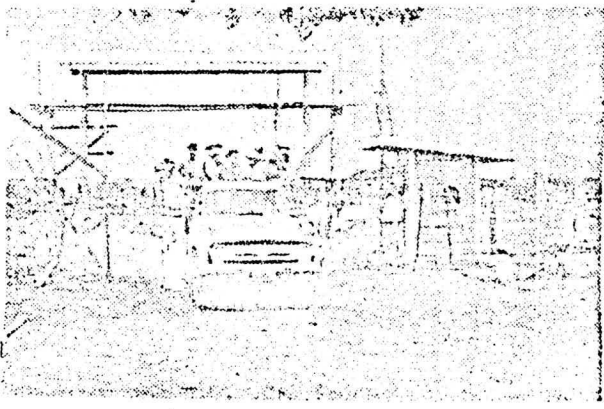
REAÇÃO

A selvageria dos policiais, que começaram a espancar os operários, foi que motivou os graves acontecimentos. Vendo seus colegas agredidos a ca- so-retes, os operários reagiri- ram e impediram a prisão. Os guardas se retiraram e tudo levava a crer que o incidente estava encerrado. Mas o pior viria depois. A Polícia, que já havia cometido uma violência (invasão de domicílio) volta- ria para a vingança.

DESFORA

Voltando à sede da NOVA-

PORTÃO DA MORTE



Portão de entrada do acampamento da firma Pacheco Fer- nandes, em Brasília. Foi invadido pela “polícia” da NOVACAP, que metralhou centenas de trabalhadores indefesos.